

## EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E SUAS CONTRADIÇÕES

Lygia de Oliveira Fernandes & Ahyas Siss

**RESUMO:** Sob a ótica da diversidade cultural e das relações étnico raciais este trabalho se propõe a discutir ainda que brevemente as contradições da sociedade moderna e os seus impactos no sistema educacional brasileiro. O conceito de diáspora será, aqui, indispensável para a compreensão dos contradiscursos da modernidade e para debater sobre determinadas idéias que parecem estar fora do lugar quando deslocadas para realidade brasileira e/ ou afro-brasileira. O principal ponto a ser destacado é a impossibilidade que a modernidade pode impor quando se pretende dentro dos muros da escola contemplar, de forma crítica, a multiculturalidade, existente em nosso meio social.

**Palavras-chave:** Educação. Modernidade. Diversidade cultural. Relações étnicorraciais

## EDUCACIÓN, MODERNIDAD Y SUS CONTRADICCIONES

**RESUMEN:** Bajo la óptica de la diversidad cultural y de las relaciones étnicas raciales, este trabajo se propone a discutir, aún que brevemente, las contradicciones de la sociedad moderna y sus impactos en el sistema educacional brasileño. El concepto de diáspora será, aquí, indispensable para la comprensión de los dos contradiscursos de la modernidad y para debatir sobre determinadas ideas que parecen estar fuera de enfoque cuando desplazadas para la realidad brasileña y/o afro-brasileña. El principal punto a ser destacado es la imposibilidad que la modernidad puede imponer cuando se pretende dentro de los muros de la escuela contemplar, de forma crítica, la multiculturalidad existente en nuestro medio social.

**Palabras-clave:** Educación. Modernidad. Diversidad cultural. Relaciones étnicas raciales

## INTRODUÇÃO

Para os limites deste trabalho, que pretende dissertar sobre as contradições da sociedade moderna, podemos compreender a modernidade européia, em linhas gerais, como uma concepção de mundo baseada na autonomia da pessoa, na universalidade da lei, na cultura desinteressada, na remuneração objetiva e na ética do trabalho. Além disso, um aspecto interessante da modernidade que deve ser destacado está relacionado às características centrais do sujeito que se desenvolve nessa sociedade. Novamente de forma bastante rasa, o sujeito moderno pode ser caracterizado como um ser unificado, formado a partir de uma identidade previamente definida que desconsidera a

heterogeneidade cultural em prol da estabilidade no mundo social. Pois como afirma Hall (2006): “*A idéia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas, é uma forma altamente simplista de contar a estória do sujeito moderno.*” (p:24)

Ainda que simplista, resumir o sujeito moderno como aquele detentor de identidades estabilizadas nos possibilita compreender a relação contraditória entre a modernidade baseada em idéias liberais européias e aquela desenvolvida em terras brasileiras. A saber, por exemplo, em pleno contexto da sociedade moderna, na qual o trabalho estava vinculado à racionalidade econômica burguesa com sua exigência de execução em um mínimo de tempo, o sistema de produção escravista, em vigência no Brasil, baseava-se no disciplinamento do seu trabalhador, o escravo, por meio de trabalhos prolongados, para assim obter controle dos submetidos.

Para além do aspecto econômico, o presente trabalho pretende articular os contradiscursos da modernidade considerando em detalhe os aspectos culturais que compõem a sociedade brasileira. Analisar as disparidades entre sociedade escravista brasileira e as idéias do liberalismo europeu, ainda que de forma breve, pelas lentes da cultura pode ser um caminho interessante a ser percorrido.

O tráfico atlântico de pessoas escravizadas entre as Américas e a África, fato histórico indispensável para pensar a formação cultural brasileira, criou estruturas que se desenvolveram e deram origem a um sistema de comunicações marcado por fluxos e trocas culturais. Essas culturas que não podem ser denominadas como pertencentes a uma fronteira restrita serão consideradas aqui a partir de um conceito que resume bastante os porquês da hibridez e da dinâmica cultural de nosso país \_ o conceito da diáspora. Esse fluxo de pessoas, característico do processo diaspórico e, por conseguinte a troca de idéias, histórias e memórias, remete ao sentimento de *desterritorialização* da

cultura em oposição à idéia de uma cultura territorial fechada e codificada no corpo, algo que poderia estar relacionado à estrutura do sujeito moderno.

Com a ajuda de teóricos afro diaspóricos e afro brasileiros, cuja formação da identidade está impregnada de certa hibridez, dinamismo e até mesmo de antinomias capazes de colocar em crise o pensamento moderno, além de outros que se dedicam a interrogar-se sobre o deslocamento de certas idéias, este trabalho busca levantar questões a respeito de conceitos e imagens que parecem estar fora do lugar. O questionar sobre desencontros de imagens e conceitos, tema principal deste trabalho, chegará também a educação, onde examinará os impactos da modernidade no sistema educativo. O principal ponto a ser destacado é a impossibilidade que a modernidade pode impor quando se pretende dentro dos muros da escola contemplar a multiculturalidade existente na sociedade brasileira.

### **A Modernidade No Brasil E Suas Contradições**

*“É claro que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologias na Europa também; mas lá correspondiam às aparências, encobrendo o essencial – a exploração do trabalho”  
(SCHWARZ, 2001. p: 60)*

Além de não encobrir as diversas formas de exploração vinculadas ao mundo do trabalho, como a má remuneração, os ambientes insalubres e a carga excessiva de horas trabalhadas, a modernidade no Brasil tentava conciliar - se com o sistema escravista. Entre a experiência moderna, aquilo que era vivenciado pelos homens e mulheres influenciados pelas idéias dessa concepção de mundo e a expectativa moderna, aquilo que se esperava com as idéias modernas, existia um grande abismo.

A civilização burguesa européia em nome da modernidade baseada no pensamento racional, cuja máxima cartesiana “*Penso, logo existo*” era usada como pano de fundo, excluía o aspecto relacional dos sujeitos, além de categorias de formação das identidades como os processos simbólicos do inconsciente desenvolvidos pela teoria freudiana, que tenta compreender a formação da estrutura de nossos desejos a partir de uma lógica bastante diferente daquela baseada na razão. Ao excluir o aspecto relacional do sujeito o pensamento moderno desconsidera a formação cultural multireferenciada característica da sociedade brasileira.

“A modernidade é apreendida por seus contradiscursos e freqüentemente defendida somente por seus elementos contrafactuais, embora as análises deles permaneçam substancialmente afetadas pelas histórias de brutalidade que parecem ser uma característica tão proeminente no abismo crescente entre experiência moderna e expectativa moderna.” (GILROY, 2004. p: 114)

As incongruências aparentes da modernidade brasileira estão na expansão restrita do mercado, na democratização para as minorias, na renovação das idéias com baixa eficácia nos processos sociais. Outro elemento, marcado pela brutalidade e terror, que não deve estar de fora nas análises da modernidade, devido principalmente ao seu caráter contraditório perante as idéias modernas, é o processo de escravidão caracterizado como um dos principais fenômenos de formação da população brasileira, em diversos aspectos, seja ele político ou cultural. O Brasil, onde por muito tempo vigorou o trabalho escravo, foi analisado pela intelectualidade européia como fato “*impolítico e abominável*”(1), visto que a prática compulsória deste tipo de trabalho não estava articulada com os princípios em vigência na Europa, as idéias liberais. Se então considerarmos em detalhe a realidade dos negros brasileiros podemos perceber nitidamente que a modernidade para alcançar suas reais expectativas precisaria percorrer uma longa trajetória.

Pautado nas idéias liberais, características da sociedade moderna, o país se tornou independente. Ainda que seja algo criado em terras européias, pensado para um determinado grupo étnico, em um dado contexto histórico, a modernidade chega ao Brasil e precisa se ajustar a realidade de um país agrário, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo. A escravidão definitivamente se opunha a essas idéias liberais. A realidade nacional se comportava de modo contraditório aos países que lhe serviam de modelo.

---

(1) SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política, 1964-1969*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

Desta forma, ao tomar de empréstimo as idéias de Roberto Schwarz (2001), o seguinte questionamento deve ser feito: como foi possível que a Declaração de Direitos Humanos fosse transcrita em parte na Constituição brasileira de 1824, enquanto continuava existindo a escravidão? A resposta a esse questionamento que não vê compatibilidade entre esses dois fenômenos pode ser adquirida na análise da institucionalização do favor.

Além do latifundiário e do escravo, figuras cuja relação não causa equívocos, outro personagem compunha o cenário brasileiro, o homem livre pauperizado que não tinha oficialmente um trabalho, pois não era escravizado e nem era proprietário. O homem livre dependia do favor de um integrante da oligarquia do latifúndio para prover a sua manutenção. O favor, de acordo com Schwarz, é tão anti moderno quanto a escravidão, porém “mais simpático” e suscetível de unir-se ao liberalismo por seu componente de arbítrio, pelo jogo fluido de estima e auto estima ao qual se submete o interesse material. Para formar um Estado burguês moderno sem romper as relações clientelista as elites optam pelo falseamento, muito bem visto na letra do hino da

República, escrita em 1890, na qual é manifesto uma nítida despreocupação de fazer uma correspondência verdadeira com a realidade: “*Nós nem cremos que escravos outrora/ Tenha havido em tão nobre país*” (outrora era dois anos antes, já que a abolição ocorreu em 1988).

### **Escravidão: Um Dos Contradiscursos Da Modernidade**

A escravidão não é um fato isolado da modernidade, não é uma questão para ser tratada somente por negros. A escravidão é parte integrante da civilização ocidental, e é na sua memória e na experiência do racismo e do seu terror que se funda politicamente a identidade cultural dos negros no Ocidente. Essa identidade, impregnada da experiência, das histórias, das culturas e das lutas referentes à escravidão moderna, exige uma mudança de referencial e um trabalho com paradigmas diferentes que desafie o sistema numa insurgência revolucionária que complemente, amplie e/ ou então repudie um Iluminismo Europeu incompleto e racialmente codificado (GILROY, 2004).

Para se compreender a relação da população brasileira com a modernidade, e da população afro descendente em especial, vale à pena destacar uma categoria importante e intimamente ligada ao processo de submissão de seres humanos a escravidão: a diáspora africana. O processo da diáspora, estritamente vinculado ao trabalho escravo nas Américas, ajuda a compreender a construção da identidade nacional, pois para além dos traumas causados pela truculência desse processo, essa experiência fez surgir novas formas de pensamento.

“As experiências históricas características das populações dessa diáspora criaram um corpo único de reflexões sobre a modernidade e seus dissabores, que é uma presença permanente nas lutas culturais e políticas de seus descendentes atuais.” (GILROY, 2004. p: 108)

Por meio de um aviltante comércio de seres humanos iniciou-se um processo de aproximação entre localidades que há milhões de anos a natureza apartou (LOPES, 2004). No livro *“Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana”*, Nei Lopes define diáspora como um reinventar de um povo por meio da memória de um lugar, de um clima, de um passado, de uma história. *“O termo diáspora serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram”*. (p.236)

"Sob a idéia chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem." (GILROY, 2006, p. 25)

O primeiro pressuposto, para se iniciar uma análise da modernidade por meio de histórias e culturas inerentes à brutalidade da escravidão, é o navio negreiro. Para repensar a modernidade por meio da história da diáspora africana no hemisfério ocidental, o navio deve ser visto como *"um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento que coloca em circulação, idéias, ativistas, artefatos culturais e político(2)."* O movimento proporcionado pelo navio contraria a noção de identidades fixas, estáticas e estáveis adotadas pela modernidade que se opõem a qualquer descolamento da formação do sujeito para identidades flexíveis, conseqüentemente inacabadas, pois como afirma Hall (2006) a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

---

(2) GILROY, Paul. *Atlântico Negro: Modernidade e Dupla consciência*, 2006, p.38.

O comércio atlântico de escravos da África para as Américas tinha o lucro como principal objetivo, os traficantes de escravos estavam interessados exclusivamente na força de trabalho dos africanos. Alheio a isso nos porões dos navios os africanos

pertencentes a vários grupos étnicos com distintas formas culturais, traziam idéias, sentimentos, tradições, mentalidades, hábitos alimentares, ritmos, canções, palavras, crenças religiosas, formas de ver a vida (3). Esses costumes aproximados pela dinâmica brutal da escravidão foram recriados nas terras brasileiras e se desenvolveram em uma cultura de aspecto híbrido e dinâmico, algo um pouco distante daquilo que pretendia os ideais modernos.

Paul Gilroy, no livro de sua autoria *“Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência”*, não analisa a diáspora como a representação de uma forma de dispersão catastrófica, ele analisa esse processo como um aao que redefine a mecânica cultural e histórica do pertencimento de um povo a uma determinada localidade. Para Gilroy a diáspora rompe a seqüência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência, e conseqüentemente rompe tamem com o poder do território para determinar a identidade. Pensar no conceito de diáspora é pensar em multiplicidade, ou mais especificamente, em identidade multicentradas.

A fusão entre diferentes tradições culturais, aspecto central das identidades multicentradas, produzem novas formas de cultura que podem não estar bem combinadas com os pontos definidos pela modernidade. Em um contexto no qual as fronteiras nacionais parecem dissolvidas, as velhas certezas e hierarquias de identidade são postas em questão. Desta forma, o processo da diáspora provocou um alargamento das fronteiras identitárias, antes estreitadas por certo essencialismo sedento por homogeneizar homens e mulheres. O sujeito composto por uma identidade unificada e estável passa a possuir várias identidades, sendo elas às vezes contraditórias.

(3) Ver em *Atlântico Negro Rota dos Orixás* (75 mim), documentário dirigido por Renato Barbieri em 1998.

### **Dupla Consciência: Reflexos Das Contradições Da Modernidade**

Contam histórias que antes de embarcar nos navios negreiros os africanos escravizados eram obrigados a passar por um processo de perda de memória, para que dessa forma esquecessem seu passado, suas origens e identidade cultural para se tornarem seres sem nenhuma vontade de reagir ou de se rebelar. O Oceano Atlântico foi o palco para as relações de comércio transatlântico de escravos entre as Américas e a África, por ali passaram milhares, milhões de negros que obrigados a perder suas memórias se tornaram objetos do outro lado do mar. Devido a esse quantitativo de negros que forçosamente navegaram por tal oceano, este cenário passou a ser chamado por Paul Gilroy de Atlântico Negro.

Das relações formadas no Atlântico, desenvolveu-se uma rede que possibilitou às populações negras durante a diáspora africana compor uma cultura caracteristicamente híbrida (4) e dinâmica. Caracterizada desta forma a cultura do Atlântico Negro, não se encontra circunscrita às fronteiras geográficas ou nacionais, deve ser pensada de forma a transcender o conceito de raça e /ou nação. Visto que o nacionalismo é um componente importante nos conceitos modernos, as idéias pertencentes ao Atlântico Negro passam a caracterizar uma contra cultura da modernidade

“As realizações intelectuais e culturais das populações do Atlântico Negro existem em parte dentro e nem sempre contra a narrativa grandiosa do Iluminismo e seus princípios operacionais. Seus caules cresceram fortes, apoiados por um entrelaçamento da política e das letras ocidentais.” (GILROY, 2004, p. 113)

Devido a essa ambigüidade inerente as culturas desenvolvidas no Atlântico Negro, que estão dentro do paradigma moderno e ao mesmo tempo fora, e também por

meio das transformações proporcionadas por esse processo dinâmico, cria-se um sujeito não estático composto de uma simultaneidade de identidades, culturas e pátrias, aquilo que Du Bois irá definir por “dupla consciência”.

---

(4) Entende-se por hibridação os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objeto e práticas. ( CANCLINI, 2008:p. XIX)

A teoria da dupla consciência elaborada por Du Bois se caracteriza pela dualidade que vive o sujeito negro, a experiência de conviver com o eu e o outro dentro de si, pois o mesmo encontra-se dividido entre as afirmações de particularidade racial e o apelo aos conceitos universais modernos que transcendem a raça. A dupla consciência emerge das experiências de deslocamento das populações negras, que redefinem desta forma o sentimento de pertencimento a uma determinada cultura e/ou localidade.

Por ser uma categoria formulada e analisada por autores negros de língua inglesa, um pouco distantes da realidade brasileira e que muitas vezes podem não citá-la em seus escritos devido ausência de um sistema segregacionista oficializado em terras brasileiras, a dupla consciência também pode ser vislumbrada na parte sul do Atlântico. Nas artes brasileiras a dupla consciência pode ser muito bem descrita. De acordo com Canclini ( 2008): *“Os modernismos beberam em fontes duplas e antagônicas: de um lado, a informação internacional, sobretudo francesa; de outro, um nativismo que se evidenciaria na inspiração e busca de nossas raízes.”* (p. 79)

O uso da memória da experiência escrava pode ser um suplemento para construir uma interpretação distinta da modernidade. Por isso a inserção dos intelectuais e artistas negros no mundo moderno é vista como ambivalente, pois é marcada por algumas tensões: ser produto da civilização ocidental, possuir uma identidade racial, profundamente condicionada e organicamente gerada por essa civilização, e estar

marcado por heranças da terra pátria, o continente africano. Isso tudo que envolve o conceito de dupla consciência, idéia ligada no a uma nação ou estado consolidado e sim a influências diversas que marcam a identidade do sujeito.

### **A Modernidade Das Culturas Nacionais**

O Estado é uma criação moderna composto de características próprias, costumes, línguas e religião. Para que o Estado Moderno seja caracterizado como tal, tem a necessidade de formar uma unidade que se constitua em um grupo. Um dos elementos que constituirá a formação deste corpo único, necessário para formação do Estado Moderna, é a formação da identidade. *“No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural.”*(HALL, 2006. p: 47)

As culturas nacionais so também indistintamente obras modernas ainda que as diferentes formas de identificações sempre fizessem parte das civilizações humanas. Biologicamente as identidades não estão inerentes aos seres humanos, contudo está na natureza destes a eterna tentativa de denominar-se pertencente a um grupo. A identidade cultural proporciona ao indivíduo, que embora autnomo, o pertencimento a uma coletividade, uma identificação com algo mais amplo: sociedade, classe ou nação. Quando um indivíduo não se identifica em um coletivo como seu lar experimenta uma falta de identificação nacional, o que acarreta em sentimento de perda subjetiva. A dupla consciência, sensação de ser simultaneamente o eu e o outro, pode proporcionar esse sentimento.

O homem sem nação impô uma grande incoerência para o pensamento moderno. Gilroy ao atribuir o conceito de dupla consciência aos intelectuais negros nascidos na Inglaterra questiona uma das principais idéias modernas, o

nacionalismo. *“Esforçar-se por ser ao mesmo tempo negro e europeu requer algumas formas específicas de dupla consciência”*. (GILROY, 2004. p: 33)

Isso demonstra que a identidade é formada, transformada, construída e até mesmo deformada por um sistema de representação cultural. A formação de uma cultura nacional é responsável pela criação de uma cultura homogênea e pela manutenção de diversas instituições culturais, como o sistema educacional. As instituições de ensino, estabelecimentos comuns a todas as formações nacionais, são responsáveis por manter vivos os símbolos e as representações, principais pilares da identidade nacional.

A identidade é uma comunidade imaginada<sup>(5)</sup>, pois esta só possui sentido a partir de histórias contadas sobre um passado que será conectado ao presente de um dado agrupamento, para finalmente constituírem em imagens. Em sociedades tradicionais, no caso africanas, as histórias de um passado heróico, responsável por cultivar o orgulho do pertencimento a novas gerações, além de disseminar ensinamentos ancestrais, são transmitidos pelas figuras mais idosas do grupo por meio da oralidade, como é o caso de algumas sociedades africanas que utilizam os griots <sup>(6)</sup> para manter viva a memória. Para construir nosso senso comum sobre o pertencimento a uma identidade nacional, são utilizados cinco recursos, com análise Stuart Hall.

---

(5) Conceito elaborado por Benedict Anderson (1983) e utilizado por Stuart Hall (2006).

(6) Os griots são guardiães da memória, são pessoas que por meio da contação de história preservam o passado de algumas sociedades. Atualmente vivem em lugares da África Ocidental (BÂ, 1983)

A narrativa da nação contada por meio das literaturas e das mídias nacionais, fornecem elementos para reconstrução de um passado de glórias que dão sentido à existência da nação. A ênfase nas origens, na continuidade na tradição, na

intemporalidade, que consiste em inserir no imaginário social a idéia de que as identidades nacionais são elementos essenciais e imutáveis apesar das transformações da história, contribuem também para o desenvolvimento da idéia de pertencimento nacional. Outra estratégia é o uso das tradições inventadas, que conjugadas com o mito fundacional e a idéia de povo original forma e mantém a identidade nacional. Contudo, essas estratégias não funcionam sozinhas e /ou isoladamente, para serem eficazes precisam trabalhar junto com o sistema educacional para atingirem seus reais objetivos – a construção de uma cultura nacional.

### **Os Impactos Da Sociedade Moderna Na Educação Brasileira**

O país em fins do século XIX e início do século XX busca em teóricos europeus razões e explicações para a situação social, política e econômica no Brasil. O objetivo era receber propostas para a construção de uma nacionalidade brasileira considerada problemática, antagônica em relação aos princípios da modernidade devido as suas nuances de cores e sua diversidade cultural. Principalmente após o ano de 1888, os pensadores brasileiros diante de uma diversidade populacional em suas terras, se depararam com uma questão: a construção de uma nação. O que para isso era necessário a formação de uma identidade nacional.

A diversidade racial e cultural para a elite da época era uma barreira a ser ultrapassada para a construção de uma nação verdadeiramente moderna, por isso várias políticas, inclusive educacionais, foram adotadas. Políticas de branqueamento, por exemplo, como a política da mestiçagem foram implantadas, pois o componente negro prejudicava a construção de uma nação brasileira, desta forma o estímulo a imigração européia seria um passo importante.(SKIDMORE, 1976)

Ainda que houvesse uma minimização da população negra em terras brasileiras, algo faltaria, pois a diversidade racial trazia consigo uma heterogeneidade cultural, um obstáculo à formação de sentimentos nacionais. Existia a necessidade, portanto de inculcar nas mentes desse povo diverso o sentimento e a identidade nacional.

“A escola primária brasileira teve um papel fundamental na construção da identidade e do sentimento nacional. A difusão de símbolos pátrios, a execução dos rituais cívicos assim como dos mitos de origem e dos heróis a serem reverenciados e imitados foram realizados através da escola.”

(MÜLLER, 2006, p. 188)

A escola foi uma via escolhida pelas elites para a construção dessa tal identidade nacional. Os programas escolares de história pátria, moral e cívica, reproduziram a história “inventada” que conferia aos negros, índios e mestiços o mesmo papel subalterno e inferiorizado que lhes era dado pela maioria de nossas elites intelectuais.

Desta forma, pode-se perceber que os cinco recursos para a manutenção da identidade nacional: a narrativa da nação, a ênfase nas origens, continuidade e intemporalidade, a tradição inventada, o mito fundacional e a idéia do povo original citados por Stuart Hall e exemplificados por ele através de fatos históricos ingleses, podem ser vistos no sistema educacional brasileiro no início do século XX através da disciplina moral e cívica e /ou dos livros de leitura (7).

“Qual a história que ele propunha contar ? A história oficial que narrava os grandes feitos dos brancos e colocava os índios e negros numa posição inferior. O ensino da moral e do civismo deveria produzir essa homogeneidade tão sonhada pelas nossas elites e disciplinar um povo tão “luxurioso” e tão “sensível aos vícios” como o que aqui vivia. (MÜLLER, 2006, p. 196)

A escola, até a década de sessenta do século XX, um espaço privilegiado no qual a população foi modelada. Além dos programas escolares a professora primária teve um

importante papel como agente construtora da identidade da nação. A professora primária foi responsável pela difusão dos símbolos pátrios, pela execução dos rituais cívicos , assim como pela propagação dos mitos de origem e dos heróis, ela foi um agente responsável pela construção da nação, um agente difusor de elementos pátrios e disciplinadores (MÜLLER, 2004).

---

(7) Os livros de leitura, usados no início do século XX como estratégia para a construção da identidade nacional, tinham a mesma função dos livros didáticos com a diferença que apresentavam a geografia e a história do país aliados às considerações sobre a composição do povo brasileiro. (Müller, Maria Lúcia Rodrigues, 2004. In: Oliveira, Iolanda. Cor e Magistério).

Nunes (1994) afirma que foi nos anos de 1920 e 1930 que configurou-se com clareza o paradigma “moderno” esboçado na sociedade brasileira na passagem do século XIX para o XX. Coube aos educadores brasileiros nesse momento então a grande responsabilidade pela discussão do tema da modernidade e dos projetos políticos que lhe diziam respeito.

A professora primária no início do século XX mantinha o elo entre a nação que éramos com a nação que queríamos ser, e a arquitetura, em meados do século XIX, também possuía o seu papel pedagógico. A mesma tinha a função de educar olhares e formar opiniões acerca do que éramos.

“A transformação arquitetonica era superficial. Sobre as paredes de terra erguida por escravos, pregavam-se papéis decorativos europeus ou aplicavam pinturas, de forma a criar a ilusão de um ambiente novo, com interiores das residências dos países em industrialização. Deste modo, os estratos sociais que mais benefícios tiravam de um sistema economico baseado na escravidão e destinado exclusivamente à produção agrícola procuravam, criar, para seu uso artificialmente, ambientes com características urbanas européias, cuja operação exigia o afastamento do negro e onde tudo, ou quase tudo era de importação.” (SCHWARZ, 2001, p. 73 – 74)

“Brasileiros e latino-americanos fazemos constantemente a experiência do caráter postiço, inautêntico, imitativo da vida cultural que levamos. Essa experiência tem sido um dado formador de nossa reflexão crítica desde os tempos da independência. (...) As manifestações vo do inofensivo ao horripilante. O papai Noel enfrentando a cancula em roupa de esquimó é um exemplo de inadequação. (SCHWARZ, 1996. p: 109)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novamente, em Hall (2006): “*A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais*”. (p.62)

A hibridez e o dinamismo das culturas estão inerentes a todas as sociedades já que por meio do comércio e/ou meios de comunicações diversos os grupos mantm contatos. As Américas, e isso inclui o Brasil, obviamente, são formadas por culturas híbridas, contudo, apesar dessa constatação existe uma insistência do pensamento moderno em crer na homogeneidade cultural do sujeito.

Partindo do princípio de estabilidade das sociedades modernas, as controvérsias sempre tiveram bastante presença no contexto brasileiro, pois este de uma forma ou de outra sempre esteve a serviço da cultura e do saber estrangeiro. Tornar-se moderno constitui um problema de contradições, como bem observa Nunes.

As ideologias mais ilustres que vieram da Europa não descrevem nem falsamente a realidade brasileira. Nessa realidade as idéias da burguesia baseadas no racionalismo da Ilustração tomam a função de requinte, pois enquanto a Europa se industrializava o Brasil continuava escravista. A dissonância  incrível quando o saber da cultura de tipo “moderno” são colocados neste contexto. Ao tomarmos de empréstimo novamente as idéias de Schwarz (2001) podemos perceber que “(...) a combinação de latifúndio, trabalho compulsório atravessou impvida a colnia,

*Reinado e Regências, Abolição, a Primeira República e, hoje mesmo, é matéria de controvérsia e tiros.”(p.76)*

As contradições da modernidade inseridas no contexto brasileiro podem ser vistas na economia devido a instituição do trabalho escravo, na política quando o clientelismo vigora onde deveriam estar as formas e teorias do Estado burguês moderno e como não poderia deixar de ser essas incoerências também são nítidas na cultura e na educação, com a adoção de medidas para a formação de uma identidade nacional que pouco combina com a realidade verdadeira do país.

De modo diferente podemos perceber a vigência da teoria de dupla consciência de Du Bois na realidade brasileira, pois esta se mantém dentro e fora da modernidade. Em resumo, as idéias liberais não se podem praticar, sendo ao mesmo tempo indescartáveis.(8) Ao longo de sua reprodução social o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre em sentido impróprio, ou seja, as idéias se mostram fora de centro, em relação ao seu uso europeu.

---

(8) SCHWARZ, Roberto, 2001, p. 77

## REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampete. A tradição viva In: Ki Zerbo, Josefh. *Metodologia e pré história africana* In: História geral da África/ Ki Zerbo (coordenador) São Paulo: Ática – Paris: Unesco, 1982

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entar e Sair da Modernidade/ Nestor García Canclini; tradução Heloísa Pessa Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. – 4. Ed. 4. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.*

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade E Dupla Consciência*/ Paul Gilroy; tradução de Cid Knipel Moreira. - São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro; Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro- Asiáticos, 2001

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural Na Pós Modernidade*/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora*/ Nei Lopes. – São Paulo: Selo Negro, 2004

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. E a Ditadora Ciência D´ hipóteses Negou em Absoluto para as Funções do Entendimento Artístico da Palavra Escrita In: Cor e Magistério/ organizado por Iolanda Oliveira Rio de Janeiro: Quartet; Niterói RJ: EDUFF, 2006

NUNES, Clarice. *(Des) Encantos Da Modernidade Pedagógica* In: 500anos de educação no Brasil/ organizado por Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga, - Belo Horizonte: Autêntica, 2000

NUNES, Clarice. *A Escola Reinventa A Cidade* In: A Invenção do Brasil Moderno: Medicina , Educação e Engenharia nos anos 20 – 30/ organizado por Micael M. Herschamann, Carlos Alberto Messeder Pereira – Rio de Janeiro: Rocco, 1994

SCHWARZ, Roberto. *As Idéias Fora Do Lugar* In: Cultura e política, 1964-1969. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

*Recebido em 2/10/2009.*

*Aceito em 10/10/2009.*

### **Sobre os autores:**

**Autor (a):** Lygia de Oliveira Fernandes

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares ( PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro ( UFRRJ)



**Autor (a):** Ahyas Siss

Professor Doutor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

---

**Autor ( a) Responsável:** Lygia de Oliveira Fernandes

**Endereço Completo:** Rua Professora Ester de Melo, 238/202, Benfica – Rio de Janeiro/RJ Brasil

CEP 20 930 010

**Telefone:** (21) 25808140 / (21)85383922 **Fax:** (24)33375116

**E-mail:** lygiaof@yahoo.com.br